

RECONFIGURAÇÕES NA REDE URBANA PARAIBANA: OS PAPÉIS URBANO-REGIONAIS DESEMPENHADOS PELOS CENTROS SUB-REGIONAIS E CENTROS DE ZONA

Reconfigurations in the urban network paraibana: the urban-regional roles played by Sub-Regional Centers and Zone Centers

Reconfiguraciones en la red urbana paraibana: los rol urbano-regionales de los Centros Subregionales y Centros de Zonas



Taynan Araújo de OLIVEIRA – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0004-6571-1310>
URL: <https://lattes.cnpq.br/4852942367355511>
EMAIL: taynan.araujo02@gmail.com

Rita de Cássia da Conceição GOMES – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0409-8060>
URL: <http://lattes.cnpq.br/3188665123953039>
EMAIL: ritadecassiaufrn@gmail.com

RESUMO

A pesquisa apresentada neste artigo constitui-se em um recorte da Tese de Doutorado desenvolvida entre os anos de 2019-2023 e tem por objetivo discutir as reconfigurações ocorridas na rede urbana, tomando como recorte empírico o estado da Paraíba, no que tange à ampliação do número de hierarquias e às relações e papéis por elas desempenhados no contexto urbano-regional. Para alcançar o referido objetivo foram analisados os estudos da Região de Influência das Cidades (REGIC), o levantamento de dados secundários e o trabalho de campo exploratório realizado com o objetivo de entender a dinâmica dos Centros Sub-Regionais e Centros de Zona, hierarquias urbanas analisadas, bem como leituras teóricas que contemplam discussões importantes acerca da urbanização da região Nordeste, a rede urbana e os conceitos de hierarquia e heterarquia urbana. A partir da construção desta reflexão depreendeu-se que os Centros Sub-Regionais e os Centros de Zona, antes considerados pouco relevantes para articulação urbano-regional do estado da Paraíba passaram a desempenhar, mediante as transformações analisadas, importantes papéis na rede urbana e que o padrão hierárquico sofreu alterações mediante as reconfigurações observadas na estrutura urbana destes centros urbanos.

Palavras-chave: Rede urbana; Hierarquia. Nordeste; Paraíba.

Histórico do artigo

Recebido: 25 maio, 2024

Aceito: 27 julho, 2024

Publicado: 03 setembro, 2024

ABSTRACT

The research presented in this article constitutes a scope of the Doctoral Thesis developed between 2019 and 2023. It aims to discuss the reconfigurations occurring in the urban network, focusing empirically on the Brazilian state of Paraíba, particularly concerning the expansion of the number of hierarchies and the roles they play in the urban-regional context. To achieve this objective, studies from the Região de Influência das Cidades (REGIC), secondary data collection, and exploratory fieldwork were analyzed. These were conducted to understand the dynamics of Sub-Regional Centers and Zone Centers, the analyzed urban hierarchies, as well as theoretical readings that encompass important discussions about urbanization in the Northeast region, the urban network, and the concepts of urban hierarchy and heterarchy. From this reflection, it was concluded that the Sub-Regional Centers and Zone Centers, previously considered of little relevance to the urban-regional articulation of the state of Paraíba, have come to play significant roles in the urban network as a result of the transformations analyzed. The hierarchical pattern has undergone changes due to the reconfigurations observed in the urban structure of these urban centers.

Keywords: Urban network; Hierarchy; Northeast; Paraíba.

RESUMEN

La investigación presentada en este artículo constituye un recorte de la Tesis Doctoral desarrollada entre los años 2019-2023 y tiene como objetivo discutir las reconfiguraciones ocurridas en la red urbana, tomando como recorte empírico el estado de Paraíba, en lo que respecta a la ampliación del número de jerarquías y a las relaciones y roles que estas desempeñan en el contexto urbano-regional. Para alcanzar dicho objetivo, se analizaron los estudios de la Región de Influencia de las Ciudades (REGIC), el levantamiento de datos secundarios y el trabajo de campo exploratorio realizado con el fin de comprender la dinámica de los Centros Sub-Regionales y Centros de Zona, jerarquías urbanas analizadas, así como lecturas teóricas que abordan importantes discusiones sobre la urbanización de la región Nordeste, la red urbana y los conceptos de jerarquía y heterarquía urbana. A partir de la construcción de esta reflexión, se desprendió que los Centros Sub-Regionales y los Centros de Zona, anteriormente considerados poco relevantes para la articulación urbano-regional del estado de Paraíba, pasaron a desempeñar, a través de las transformaciones analizadas, papeles importantes en la red urbana y que el patrón jerárquico sufrió alteraciones debido a las reconfiguraciones observadas en la estructura urbana de estos centros urbanos.

Palabras clave: Red urbana; Jerarquía. Nordeste; Paraíba.

1 INTRODUÇÃO

Nas duas últimas décadas, as cidades paraibanas passaram por processos de reestruturação urbana e econômica que foram responsáveis por conduzir a construção de novos arranjos e dinâmicas na rede urbana. O estado da Paraíba, em virtude desse processo de reestruturação, redefiniu suas hierarquias a partir da ampliação dos papéis e das funções das cidades classificadas como Centros Sub-Regionais e Centros de Zona.

As cidades ora apresentadas foram alvos de transformações em suas estruturas urbanas, diante da ampliação da oferta de serviços educacionais e de saúde, assim como

da dinamização ocorrida nos setores comercial, financeiro e informacional. Dessa forma, a rearticulação observada na rede urbana paraibana se deve à multiplicação no número de hierarquias urbanas, que se deu a partir da inserção e multiplicação dos conteúdos anteriormente mencionados. Esses conteúdos passaram a ser responsáveis pela construção de relações pautadas na complementaridade e no compartilhamento de funções que geram a conformação de novos arranjos e dinâmicas na rede urbana.

De acordo com a REGIC (2018), o estado da Paraíba foi um dos estados brasileiros que passou por visíveis mudanças hierárquicas na configuração de sua rede urbana. Além da redução da classificação hierárquica da cidade de Campina Grande, de Capital Regional B para Capital Regional C, o referido estudo evidencia a ampliação do número de cidades que passaram a desempenhar papéis importantes no contexto urbano-regional, principalmente as cidades classificadas como Centros de Zona.

Desse modo, o texto em tela tem por objetivo discutir as reconfigurações ocorridas na rede urbana, tomando como recorte analítico o estado da Paraíba, no que tange à ampliação do número de hierarquias e as relações e papéis por elas desempenhados no contexto urbano-regional. Apesar de outros estudos contemplarem discussões sobre a rede urbana paraibana, dentre os quais cabe mencionar os trabalhos da Rede de Pesquisadores Sobre Cidades Médias (ReCiMe), este artigo tem como enfoque uma discussão ainda não travada nos estudos urbano-regionais da Geografia paraibana, que se relaciona especificamente aos Centros Sub-Regionais e aos Centros de Zona, hierarquias urbanas pouco estudadas quanto aos seus papéis e funções.

Para cumprir ao objetivo delimitado, o artigo estará organizado em partes. Inicialmente será apresentado o percurso metodológico da pesquisa, seguido de reflexões teóricas e empíricas, tomando como recorte analítico a rede urbana nordestina e paraibana e suas reconfigurações. No segundo momento, o debate tem como ênfase os papéis desempenhados pelos Centros Sub-Regionais e Centros de Zona e suas influências para as reconfigurações da rede urbana paraibana.

2 METODOLOGIA

Para contemplar a proposta deste recorte, foram utilizados como técnicas de pesquisa a análise documental, com ênfase nas REGIC's, o mapeamento dos dados a partir do *software Arc Gis*, a coleta de dados secundários através das bases de dados disponíveis em sítios eletrônicos e o trabalho de campo exploratório. A análise das REGIC's contempla

os documentos de 2007 e 2018, com ênfase nas mudanças hierárquicas apontadas em cada um dos estudos.

No tocante à coleta dos dados secundários, foram levantadas informações referentes às instituições de ensino superior, em relação às localizações e distribuição, além dos dados do setor comercial e de serviços, no tocante às grandes estruturas comerciais, a exemplo dos *shoppings centers* e atacarejos, e a distribuição dos demais estabelecimentos de comércio, os seus ramos e naturezas.

Para realização da pesquisa de campo, foram selecionados os quatro Centros Sub-Regionais do estado da Paraíba, a saber: Guarabira, Patos, Sousa e Cajazeiras. Esses dois últimos estão articulados pela divisão de papéis na região geográfica em que estão inseridos, definidos pelo IBGE (2017), como região geográfica intermediária multipolarizada. No que tange aos Centros de Zona, foi visitada uma parcela destes, dentre os quais destacamos: Itaporanga, Piancó, Sumé, Pombal e Santa Luzia.

Desse modo, optamos por priorizar a dinâmica dos Centros Sub-Regionais, haja vista que articulam fluxos mais expressivos e apresentam elementos relevantes para discussão. No tocante aos Centros de Zona, foram estudados aqueles que estão mais distantes de Capitais Regionais e de Centros Sub-Regionais, como foi o caso das cidades anteriormente mencionadas. Durante a realização do trabalho de campo, foi realizada uma visita exploratória ao centro das cidades selecionadas como objeto de pesquisa, observando a dinâmica econômica, os fluxos e a capacidade de articulação urbana e regional mediante a oferta de comércio e serviços, bem como a coleta de dados referentes a origem de estudantes matriculados nas Instituições de Ensino Superior (IES) de natureza privada, localizadas nas cidades de Patos e Cajazeiras.

Em campo, foram observados os tipos de estabelecimentos, os ramos, as naturezas, o padrão organizativo, além dos fluxos, identificados pelas placas dos veículos presentes no centro *primaz* das cidades. O levantamento de tais informações viabilizou o mapeamento dos fluxos emanados pelos Centros Sub-Regionais, que deverá ser apresentado em uma das subseções deste artigo.

3 LEITURAS SOBRE A REDE URBANA: A REGIÃO NORDESTE COMO RECORTE ANALÍTICO

O processo de urbanização brasileira, assim como do Nordeste, foi impulsionado por alguns motivos, conforme destacado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA,

2001). Entre os motivos pode-se listar aqueles que se constituem mais relevantes para o Nordeste, a saber: interiorização do fenômeno urbano, criação de novas cidades, crescimento das Cidades Médias¹ e saldo migratório negativo nas pequenas cidades.

Segundo Clementino (1990), a disposição das cidades nordestinas está orientada por dois elementos: o primeiro liga-se à produção do campo e da cidade; e o segundo, à atuação do estado por meio do direcionamento dos investimentos estatais, como ocorreu com a criação da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que promoveu mudanças de infraestrutura nos centros urbanos interioranos.

A concentração das cidades e dos conteúdos urbanos permanece com maior densidade em áreas específicas da região Nordeste. Nas áreas litorâneas, estão localizadas as cidades mais dinâmicas, do ponto de vista urbano e industrial, a exemplo das Metrôpoles; e no interior, as Capitais Regionais², os Centros Sub-Regionais³ e os Centros de Zona⁴, que funcionam como centros urbanos importantes para a construção das articulações urbano-regionais. Os centros urbanos mais dinâmicos do interior do Nordeste tiveram a intensificação do seu processo de urbanização através da ampliação dos papéis regionais, mediante o direcionamento de políticas públicas que ampliaram a oferta de serviços de saúde e educação, públicos e privados, além dos estabelecimentos comerciais dos mais distintos ramos, naturezas e capitais.

Diante desse contexto, algumas individualidades podem ser atribuídas à urbanização do Nordeste, entre as quais podem-se destacar: a concentração dos conteúdos técnicos, científicos e informacionais em áreas mais dinâmicas e de urbanização mais antiga como, por exemplo, o litoral; a baixa complexidade funcional das cidades do

¹ Para Spósito (2017), o conceito de Cidade Média é adequado para as cidades de porte médio que desempenham papéis intermediários e/ou regionais no conjunto da rede urbana. Nas REGIC's, as Capitais Regionais de nível B e C correspondem às Cidades Médias, com exceção das Capitais Regionais de nível A, que são capitais de estados.

² **Capitais Regionais:** centros urbanos que compõem o segundo nível do estrato hierárquico e possuem alta concentração de atividades de gestão, mas com alcance menor em termos de região de influência em comparação com as Metrôpoles. Ao todo, 97 cidades brasileiras recebem essa classificação, sendo subdivididas em níveis A, B e C, variando de acordo com seus arranjos populacionais e áreas de influência, (REGIC, 2018).

³ **Centros Sub-Regionais:** cidades que possuem atividades de gestão menos complexas (todas são nível 3 na classificação de gestão do território), com áreas de influência de menor extensão que as das Capitais Regionais. São também cidades de menor porte populacional, com média nacional de 85 mil habitantes, maiores na Região Sudeste (100 mil) e menores nas regiões Sul e Centro-Oeste (75 mil). Subdividem-se em dois níveis, A e B, (REGIC, 2018).

⁴ **Centros de Zona:** cidades que se caracterizam por menores níveis de atividades de gestão, polarizando um número inferior de cidades vizinhas em virtude da atração direta da população por comércio e serviços baseada nas relações de proximidade. São 398 cidades com média populacional de 30mil habitantes, subdivididas em dois níveis, A e B.

interior; e o número expressivo de pequenas cidades onde os conteúdos da urbanização chegam de forma mais rarefeita.

Esses aspectos condicionam a formação de uma rede urbana mais hierarquizada, do ponto de vista da complexidade funcional dos centros urbanos, e, ao mesmo tempo, conduzem à afirmação dos núcleos urbanos que, mesmo sendo menos dinâmicos e pouco relevantes na escala regional e nacional, acabam desempenhando papéis expressivos no contexto em que estão inseridos, haja vista que complementam e compartilham funções com os centros urbanos de maior nível hierárquico.

Tal configuração é reflexo da estrutura de arquipélagos, que de acordo com Santos (1993), predominou no Brasil do século XVIII até o início do século XX, se fazia por meio de subespaços que evoluíam segundo suas próprias lógicas e, em grande parte, por relações com o mundo exterior. Cada um desses espaços era marcado por polos dinâmicos internos que tinham entre si uma escassa relação, não sendo interdependentes. Desse modo, a ausência da conectividade entre as unidades espaciais, neste caso, as regiões, foi um elemento que dificultou as relações em rede e a integração territorial do país.

Com o avanço dos sistemas de engenharia, ocorre uma reconfiguração territorial, que se faz por meio do sistema de transportes, comunicação e energia. A conexão a partir desses elementos propicia a articulação entre as regiões, bem como entre os centros urbanos de distintos níveis hierárquicos. Os conteúdos técnicos, científicos e informacionais passam a se reproduzir nos mais variados lugares, de diferentes formas e intensidades, criando o lastro para reprodução do capital.

A geografização do meio técnico-científico-informacional pode ser visualizada com o sistema rodoviário, que se expandiu a partir de uma certa seletividade espacial. Lins (1990) enfatiza que a abertura de algumas rodovias, a exemplo das BR-101, BR-304, BR-222, BR-232, BR-324 e BR-230, além das rodovias estaduais, foi o elemento definidor para a integração da região. Para o autor, entre as BRs que integram a região Nordeste ao restante do país, a BR-116 foi a que mais gerou efeitos, pois facilitou a integração dos centros produtores de bens industrializados aos centros consumidores do Nordeste.

No que se refere ao interior do Nordeste e ao estado da Paraíba, uma das rodovias que mais possibilitou tal impacto foi a BR-230, que data dos anos 1970. Para Maia (2007), a construção dessa rodovia, entre 1952 e 1972, foi favorável para o crescimento de muitos povoados, vilas e cidades situadas em suas margens, principalmente diante da circulação de pessoas, mercadorias e serviços.

Com isso, outras cidades começaram a ganhar notoriedade na rede urbana nordestina e brasileira, dentre as quais as Cidades Médias, compreendidas como importantes elos para entender a urbanização brasileira em meados do século XX, principalmente no Nordeste, em que essas estruturas se apresentam com bastante expressividade nas áreas interioranas. Cidades como Campina Grande (PB), Caruaru (PE), Mossoró (RN) e Juazeiro do Norte (CE) ganham relevância dentro dos seus respectivos estados em virtude da sua situação geográfica, elemento indispensável para o potencial de integração e oferta de atividades econômicas ligadas ao setor terciário da economia.

Nesse sentido, a rede urbana se interioriza, haja vista que estes centros urbanos passam a se articular em diversas escalas e complementar e compartilhar funções que antes eram desempenhadas apenas pelas Metrôpoles e Capitais Regionais, localizadas em áreas litorâneas. Os dois estudos sobre a rede urbana brasileira mais recentes, publicados em 2007 e 2020, denotam as transformações pontuadas em relação às mudanças na estrutura territorial brasileira, que, mesmo ainda muito hierarquizada, fato relacionado ao próprio processo de urbanização e à geografização do meio técnico-científico-informacional, já se apresenta com configurações diferenciadas em relação a contextos pretéritos.

Desse modo, é perceptível que a partir das duas primeiras décadas do século XXI, as relações passam a se consolidar de forma hierárquica e heterárquica. Para Catelan (2012), a heterarquia pode ser definida como a capacidade que determinados lugares possuem em estabelecer conexões que não passam, necessariamente, por uma hierarquia rígida, ou seja, que se concretizam com base em relações que se dão por meio de escalas e agentes diversos. Nesse sentido, diante das redefinições socioespaciais ocorridas nos lugares, motivadas pela difusão de técnica, ciência e informação, as relações entre os lugares começam a ocorrer em múltiplas escalas e com conteúdos de distintas naturezas.

As relações heterárquicas se concretizam por meio de firmas, empresas, instituições e agentes econômicos, assim como pela difusão espacial de conteúdos e símbolos que se relacionam à ordem capitalista global. A expansão desses conteúdos, além de outros que estão relacionados à atuação do Estado enquanto agente de produção do espaço urbano, possibilita a configuração hierárquica que resulta na classificação das cidades e colabora para a construção de análises mais específicas, que levam em consideração as múltiplas relações das cidades na rede urbana.

A rede urbana, de acordo com Catelan (2012), é um cenário adequado para compreensão das mudanças na hierarquia urbana, haja vista que é formada por cidades

com padrões completamente diferenciados em termos de posição e condição econômica, política, cultural, financeira, de gestão ou de qualquer outra dimensão de análise. A difusão dos transportes, a redução nos custos e no tempo de deslocamento, a expansão das telecomunicações como, por exemplo, as operadoras de telefonia móvel, a oferta e a diversificação de ramos comerciais e serviços e a maior abrangência do setor financeiro são conteúdos importantes para entender as mudanças nos papéis e nas funções das cidades na rede urbana, à medida que se amplia a capacidade de articulação entre elas, através dos fluxos.

As relações em rede comandam as interações espaciais entre os lugares, uma vez que estes são dotados de atributos que propiciam conexões de níveis e intensidades diferentes. Dessa forma, a rede urbana, conforme discutido por Corrêa (1989), passa a ser, então, o meio pelo qual a produção, a circulação e o consumo se realizam efetivamente. É por intermédio da rede urbana e das comunicações a ela vinculada que diversas localidades puderam se articular, resultando, assim, na configuração de uma economia mundial.

A globalização, que começa a ganhar novos contornos a partir do final do século XX, torna a rede urbana ainda mais complexa, já que esse processo suscita a emergência de uma economia articulada em escala nacional/global. Sobre esse novo padrão de articulação que emerge a partir da globalização, Damiani (2006, p. 136) destaca que:

O período atual da globalização define possibilidades de contatos múltiplos entre cidades de todas as dimensões e define uma simultaneidade de comunicação ou uma rede intrincada de relacionamentos, rompendo as estritas hierarquias e, portanto, deve terminar a reconsideração das hierarquias como tradicionalmente propostas: há elos financeiros de agentes financeiros internacionais em toda e qualquer cidade. O planejamento nacional foi substituído por planejamentos estratégicos, envolvendo redes de cidades; cidades estas de mais de um tamanho, num elo direto, sem intermediações assentadas nas hierarquias.

Nesse sentido, as cidades se inserem em uma rede global, que é constituída por diferentes lugares com papéis diversos. Essa relação das cidades em rede é reforçada por meio de múltiplas escalas, do local ao global. À medida que se articulam em rede, as cidades, de acordo com as funções desempenhadas em uma dada região, passam a constituir uma rede de cidades, em que se difundem relações hierárquicas pautadas em compartilhamento e complementaridade de funções de nível multiescalar.

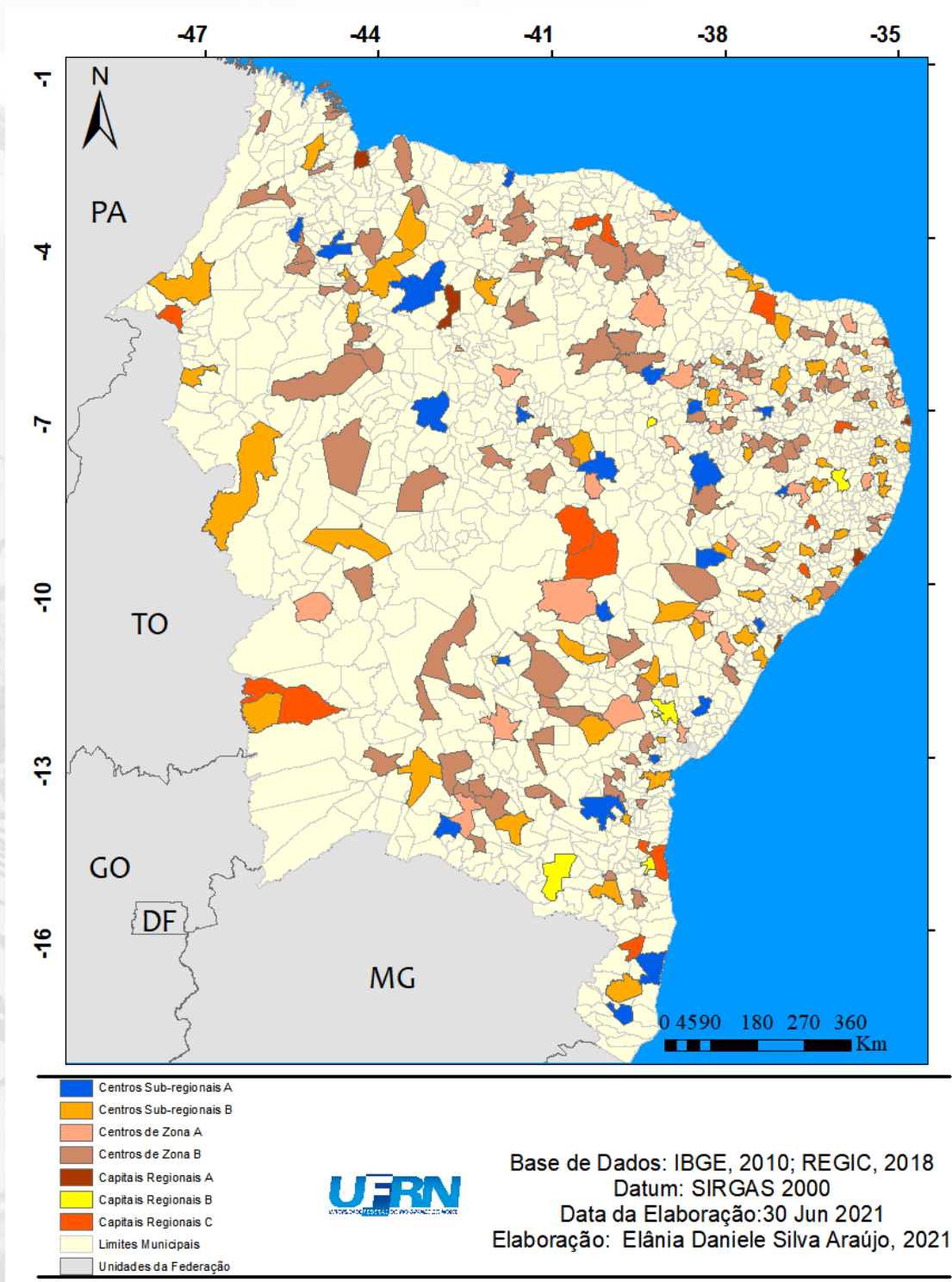
No Brasil, a forma como as cidades estabelecem suas relações em rede variam de acordo com as múltiplas realidades regionais. As cidades nordestinas, por exemplo, constituem relações em rede diferenciadas das cidades do Sul e do Sudeste, no entanto, os conteúdos existentes em ambos os espaços estão articulados ao meio técnico-científico-informacional. Os papéis e as funções desempenhadas pelas cidades nordestinas estão ligados, principalmente, ao setor terciário da economia, já que a disseminação das atividades terciárias é a principal responsável pelo processo de urbanização e de configuração da rede urbana, reafirmando o que Santos (1985) define como urbanização terciária.

O processo de urbanização da região Nordeste e a forma como ocorre a difusão espacial dos conteúdos do setor terciário da economia são elementos relevantes para a construção da classificação hierárquica, apontada pelo IBGE nos estudos da REGIC. Com base na análise dos referidos estudos, identificamos que a região Nordeste é marcada pela expressividade do número de cidades que recebem as seguintes classificações hierárquicas: Capitais Regionais A, B e C; Centros Sub-Regionais A e B; e Centros de Zona A e B, conforme especializado no Mapa 01.

De acordo com a espacialização apresentada no Mapa 01, a região Nordeste encontra-se marcada pela presença preponderante de centros urbanos que possuem a classificação de Capitais Regionais, Centros Sub-Regionais e Centros de Zona. Alguns estados nordestinos, em virtude da dimensão territorial e das particularidades do processo de urbanização, possuem expressividade de centros urbanos dentro das classificações apontadas, principalmente Centros Sub-Regionais e Centros de Zona.

No caso do estado da Paraíba, estas hierarquias urbanas têm se apresentado preponderantes, ao mesmo tempo em que são responsáveis pela articulação da rede urbana. O tópico seguinte analisa tal dimensão a partir dos papéis desempenhados pelos Centros Sub-Regionais e Centros de Zona.

Mapa 01 – Região Nordeste: hierarquia urbana - REGIC (2018)



Fonte dos dados: REGIC (2018).
Organização: O autor.

4 A REDE URBANA PARAIBANA: OS PAPÉIS DESEMPENHADOS PELOS CENTROS SUB-REGIONAIS E CENTROS DE ZONA

O estado da Paraíba, localizado no Nordeste brasileiro, teve o seu processo de urbanização ligado aos mesmos elementos apontados anteriormente. A urbanização se estende do litoral para o interior, a partir das atividades agrícolas e pecuárias e, com isso, formam-se os primeiros núcleos urbanos. Logicamente que outras atividades, como a cotonicultura – cultivo e exportação do algodão –, e o surgimento da atividade comercial a partir das feiras livres também foram responsáveis pela interiorização do fenômeno urbano e pela constituição e afirmação de cidades que desempenham papéis relevantes para a rede urbana do estado e da região, como é o caso de Campina Grande.

Gonçalves (1999, p. 13), ao estudar o processo de formação territorial e urbanização do estado da Paraíba, escreve que:

A Paraíba surge de um aglomerado urbano localizado às margens do Rio Sanhauá, antes de ser engenho, é cidade. Mesmo que, durante mais de quatrocentos anos, tenha se mantido como uma paisagem quase inalterada, é na cidade que o Estado se instala, é na cidade que as ordens religiosas mantêm suas sedes, é na cidade que entram e saem da terra as coisas e as gentes. E o mesmo aconteceu com os aglomerados urbanos ao longo do litoral, nos agrestes e sertões da região. Povoados, vilas, cidades que surgem nas trilhas do gado, do algodão, do sisal, da mineração, da ferrovia. Surgem na história, mas ainda não se tornaram objeto relevante para história.

Conforme destacado pelos autores, mesmo que o processo de ocupação do estado da Paraíba seja bastante antigo e as atividades agrícolas desempenhadas tenham resultado na formação de cidades em períodos mais remotos, estas ainda não se constituem como objetos relevantes para a história, haja vista que o próprio processo de urbanização do Brasil não coloca esses espaços em tamanha evidência, como ocorre com a região Sudeste.

Por outro lado, Gonçalves *et al.* (1999) destacam que o entendimento mais aguçado sobre a questão urbana na Paraíba é, de certo modo, impossibilitado pelo fato de as informações serem esparsas, ou seja, por não haver trabalhos que discutam a questão urbana de forma mais profunda. No entanto, os estudos da REGIC têm conferido visibilidade à dinâmica destes centros urbanos, mostrando a constituição dos seus papéis e funções ao decorrer dos séculos XX e XXI.

Os dois últimos estudos da REGIC, realizados em 2007 e 2018, denotam importantes mudanças na classificação das cidades paraibanas, principalmente no que se refere aos Centros Sub-Regionais e Centros de Zona. Essas cidades exercem papéis de complementaridade e compartilhamento de funções na rede urbana, haja vista que se constituem como importantes espaços no contexto urbano-regional em que se inserem.

De acordo com a análise dos estudos da REGIC, o estado da Paraíba, de 1972 até 2018, encontra-se marcado pela presença de quatro Centros Sub-Regionais: Sousa, Cajazeiras, Patos e Guarabira. No que toca aos Centros Sub-Regionais, é perceptível que as cidades classificadas nessa posição hierárquica se mantêm as mesmas de períodos pretéritos. No entanto, passaram por alterações em suas estruturas urbanas, ampliando a capacidade de articulação urbano-regional e os papéis desempenhados no contexto urbano-regional.

No tocante aos Centros de Zona, os estudos da REGIC evidenciam que mesmo esses centros não tendo apresentado expressiva variação no que se refere à quantidade, algumas cidades ganharam a classificação de Centro de Zona e outras, antes classificadas como Centros de Zona, foram reduzidas à condição de cidade local. No estudo da REGIC 2018, cinco cidades paraibanas foram inseridas pela primeira vez nessa posição hierárquica, são elas: Brejo do Cruz, São José de Piranhas, Serra Branca, São Bento e Nova Floresta, sendo esta última articulada à cidade de Cuité, que tem recebido a classificação de Centro de Zona desde o estudo da REGIC 1972.

A inserção das cidades mencionadas dentro da posição hierárquica de Centro de Zona se faz pela ampliação dos papéis urbano-regionais na sua região de influência. As demais cidades classificadas como Centro de Zona na REGIC 2018 já apresentam essa posição hierárquica em estudos anteriores, com exceção de Sumé, que passou a ser classificada como Centro de Zona no estudo de 2007, tendo em vista a chegada do *campus* da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e sua dinamização terciária. Outras cidades como, por exemplo, Itabaiana, Sapé, Alagoa Grande, Areia e Conceição, aparecem como Centros de Zona em alguns estudos, porém foram reduzidas à condição de cidade local.

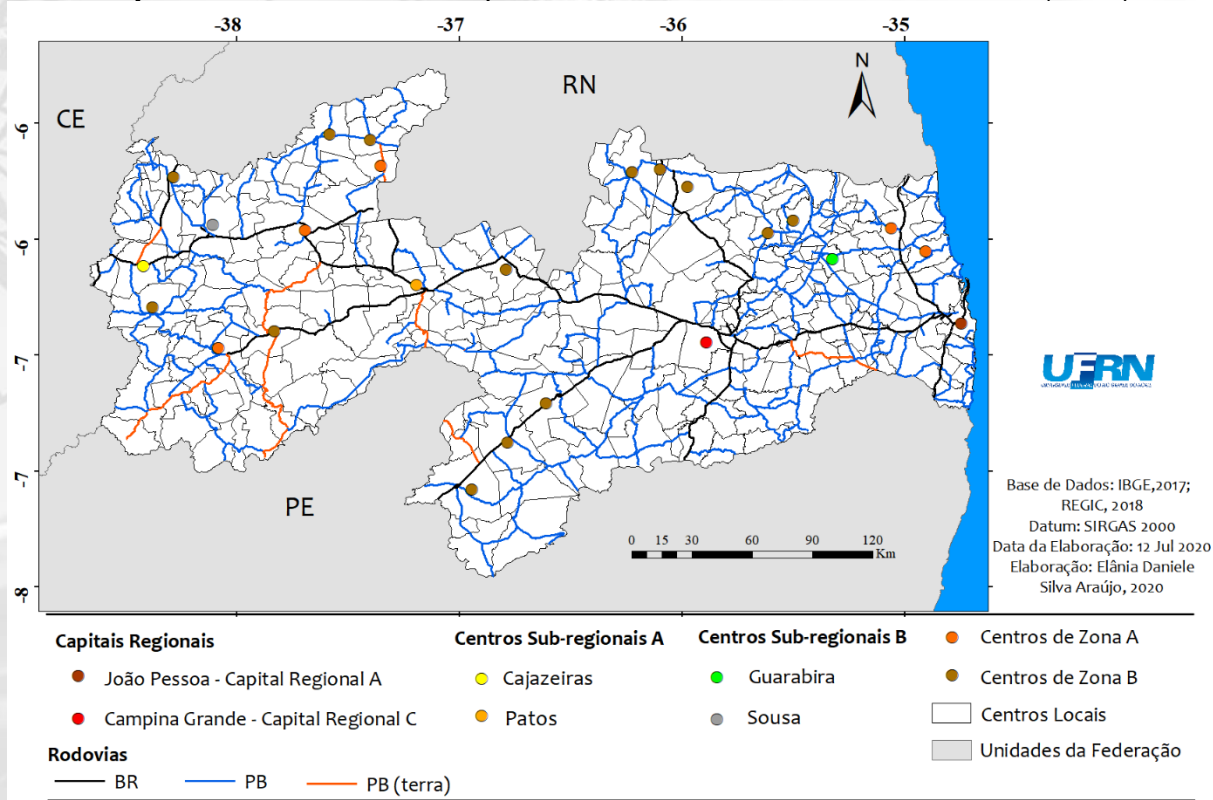
A multiplicação de novas hierarquias justifica-se pela ampliação da centralidade das cidades de acordo com a difusão e oferta do setor terciário mais complexo, ligado às expressões do meio técnico-científico-informacional, como também pela perda relativa de papéis antes exercidos por cidades hierarquicamente superiores, que, mesmo não

reduzindo sua centralidade, passam a se adequar a uma nova lógica baseada no compartilhamento e na complementaridade de funções.

Essa classificação hierárquica é significativa para entender como a rede urbana do estado da Paraíba se redesenhou no decorrer dos anos, assim como para confirmar que a complementaridade e o compartilhamento de funções se concretizam quando um maior número de cidades, mesmo hierarquicamente inferiores, passa a fornecer bens e serviços capazes de atrair fluxos em um dado contexto urbano regional. Os Centros Sub-Regionais e os Centros de Zona do estado da Paraíba são exemplos concretos de como o jogo hierárquico passa por alterações, pois mediante a dinamização dessas cidades, calcada na incorporação de novas funções, assim como a sua multiplicação em termos quantitativos, é possível afirmar que a rede urbana se torna mais densa em termos de fluxos e relações.

Por outro lado, os Centros Sub-Regionais e os Centros de Zona, mesmo não se constituindo como lugares de relevância na rede urbana nacional, se apresentam, para o estado da Paraíba, bem como para o Nordeste brasileiro, como nós importantes para estabelecimento de fluxos e articulações urbano-regionais em múltiplas escalas. De acordo com o estudo da REGIC (2018), apresentado no Mapa 02, o estado da Paraíba possui a seguinte classificação/distribuição de hierarquias urbanas.

Mapa 02 – Paraíba - hierarquias urbanas de acordo com a REGIC (2018)



Fonte dos dados: IBGE (2017); REGIC (2018).

Organização: O autor.

Mediante a espacialização disposta no Mapa 02, a rede urbana paraibana é articulada pela presença de quatro Centros Sub-Regionais, sendo dois de nível A (Patos e Cajazeiras) e dois de nível B (Guarabira e Sousa). Além das referidas hierarquias, os Centros de Zona se fazem presente no território, totalizando dezessete centros, sendo 5 de nível A e 12 de nível B⁵.

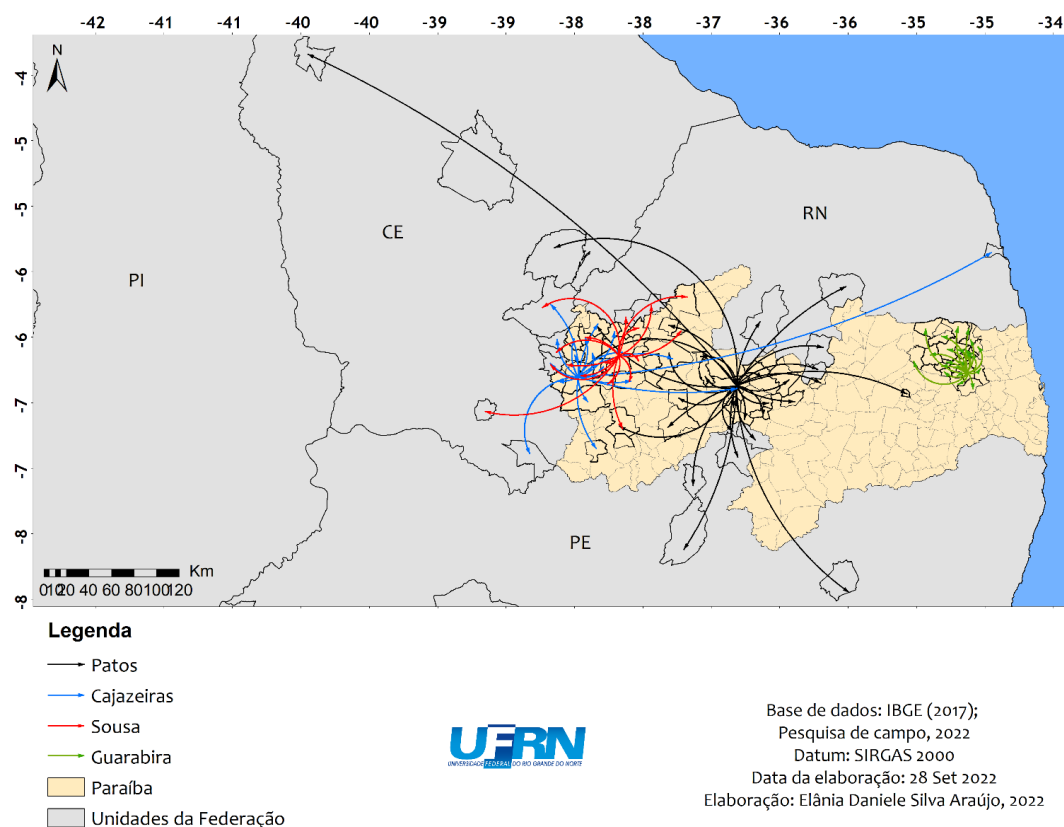
As hierarquias classificadas a partir do estudo da REGIC possuem relevante potencial explicativo para possibilitar o entendimento sobre as mudanças ocorridas nas relações entre as cidades e rede urbana. Os Centros Sub-Regionais, além de complementar as funções desempenhadas pelas Capitais Regionais (Campina Grande e João Pessoa), também apresentam importantes funcionalidades no contexto urbano-regional em que estão inseridos.

Os atributos que justificam tais funcionalidades estão relacionados aos serviços, sobretudo, os de educação, com a presença das instituições de ensino técnico e superior, públicas e privadas, bem como pelas estruturas comerciais, abrigadas em suas áreas centrais. A partir da pesquisa realizada, identificou-se que estes atributos, além de reforçar a centralidade, ampliam os papéis destes centros urbanos para além da escala imediata, conforme evidenciado no Mapa 03.

A partir dos fluxos expressos no Mapa 03, fica evidente que cada Centro Sub-Regional paraibano possui um alcance espacial diferenciado no que se refere aos papéis desempenhados no âmbito de suas regiões de influência. O alcance espacial de uma cidade explica-se pelo contexto regional, uma vez que vários elementos podem ampliar o número de relacionamentos da cidade na rede urbana. Nos casos em que há mais de uma hierarquia urbana no mesmo raio de influência, a exemplo de Guarabira, o alcance espacial da cidade torna-se menor.

Em outros casos, como observamos em relação à Patos, Sousa e Cajazeiras, a inexistência de hierarquias semelhantes na região propicia a estas cidades um alcance espacial maior. Além disso, a situação geográfica, no que se refere a sua localização entre limites de estados, confere a Sousa e Cajazeiras posições relacionais relevantes na rede urbana em escala local/estadual e regional.

⁵ Mamanguape, Rio Tinto, Itaporanga, Pombal e São Bento (nível A); Cuité-Nova Floresta, Solânea-Bananeiras, Brejo do Cruz, Catolé do Rocha, Monteiro, Piancó, Picuí, Santa Luzia, São José de Piranhas, Serra Branca, Sumé, Uiraúna (nível B).

Mapa 03 – Paraíba – alcance espacial dos Centros Sub-Regionais**Fonte dos dados:** Pesquisa de Campo, 2022.**Organização:** O autor.

Outrossim, é válido considerar que, embora apresentando dinâmicas distintas, os fluxos emanados a partir dos centros das cidades expressam nitidamente a constituição dos novos arranjos e dinâmicas. As estruturas comerciais das cidades em análise possuem certa complexidade e, no caso das cidades de Patos e Sousa, que conta com estabelecimentos de grande capital, a exemplo do *shopping center* e dos atacarejos. Já em relação à cidade de Cajazeiras, no período em que foi realizado o campo exploratório da pesquisa, foi possível identificar a existência de uma galeria comercial denominada de *shopping*, e um atacarejo que teve o seu funcionamento interrompido durante o período pandêmico.

Além do comércio, a existência de serviços educacionais, a exemplo das instituições de ensino técnico e superior, públicas e privadas, também contribuem diretamente na constituição dos papéis urbano-regionais apresentados. No tocante aos Centros de Zona, estes articulam a dinâmica urbano-regional no interior do estado da Paraíba a partir dos mesmos elementos apontados anteriormente para qualificar a centralidade dos Centros Sub-Regionais. A diferença entre estas duas hierarquias reside no alcance espacial, já que

nos Centros de Zona ocorre em menor dimensão se comparado as outras hierarquias. No entanto, os elementos mencionados, a exemplo da dinamização do setor comercial e de serviços educacionais, também se fazem presente nestas localidades urbanas, porém em uma escala simplificada.

Os atributos apresentados nesta análise foram diagnosticados por meio da pesquisa de campo realizada entres os anos de 2019-2023. Em síntese, é possível, a partir destas informações, traçar um perfil com os atributos que determinam os relacionamentos dos Centros Sub-Regionais e dos Centros de Zona na rede urbana paraibana, conforme pode ser observado no Quadro 01.

Quadro 01 – Atributos responsáveis pela influência urbano-regional dos Centros Sub-Regionais e Centros de Zona do estado da Paraíba

Hierarquias urbanas	Atributos	Cidades
Centros Sub-Regionais A (2)	Se caracterizam pela presença das seguintes/principais instituições educacionais: UFCG, IFPB, FSM, UNIFIP. Articulam os serviços de saúde mediante à presença de Hospitais Regionais e serviço especializado de saúde, tais como: clínicas, laboratórios, etc. de natureza privada. A dinâmica comercial se explica pela presença de redes comerciais, atacarejos, franquias, galerias comerciais e <i>Shopping Center</i> .	Patos e Cajazeiras.
Centro Sub-Regionais B (2)	Dispõem das seguintes/principais instituições educacionais: UEPB, UFCG, IFPB e outras instituições de natureza privada. Articulam os serviços de saúde mediante à presença de Hospitais Regionais e serviço especializado de saúde, tais como: clínicas, laboratórios e etc. de natureza privada. A dinâmica comercial se explica pela presença de redes comerciais, atacarejos, franquias, galerias comerciais.	Guarabira e Sousa.
	Contam com a presença das seguintes/principais instituições educacionais: UFPB, UFCG e IFPB, além	

<p>Centros de Zona A (5)</p>	<p>das instituições educacionais de natureza privada. Articulam os serviços de saúde em menor escala, com a presença de hospitais municipais e distritais. Contam, também com o serviço especializado de saúde, tais como: clínicas, laboratórios e etc. de natureza privada. A dinâmica comercial se explica pela presença de redes comerciais, franquias, pequenas galerias comerciais e pelo comércio local, de natureza simplificada.</p>	<p>Mamanguape, Rio Tinto, Itaporanga, Pombal e São Bento.</p>
<p>Hierarquias Urbanas</p>	<p>Atributos</p>	<p>Cidades</p>
<p>Centros de Zona B (12)</p>	<p>Se caracterizam pela presença das seguintes/principais instituições educacionais: UEPB, UFCG e IFPB, além das instituições educacionais de natureza privada. Articulam os serviços de saúde em menor escala, com a presença de hospitais municipais e distritais. Contam, também com o serviço especializado de saúde, tais como: clínicas, laboratórios e etc. de natureza privada, com estruturas mais simplificadas em relação aos Centros Sub-Regionais. A dinâmica comercial se explica pela presença de redes comerciais, franquias, pequenas galerias comerciais e pelo comércio local, de natureza simplificada. Se diferenciam dos Centros de Zona A pelo seu alcance espacial (número de cidades que influenciam), bem como pela redução dos serviços, sobretudo, educacionais e de saúde, e do comércio, de origem mais local/ comércio de vizinhança.</p>	<p>Cuité-Nova Floresta, Solânea-Bananeiras, Brejo do Cruz, Catolé do Rocha, Monteiro, Piancó, Picuí, Santa Luzia, São José de Piranhas, Serra Branca, Sumé e Uiraúna.</p>

Fonte dos dados: REGIC (2018); pesquisa de campo, 2022-2023.

As informações explicitadas no Quadro 01, referem-se aos atributos que propiciam os relacionamentos dos Centros Sub-Regionais e dos Centros de Zona paraibanos no contexto urbano-regional em que se inserem. Desse modo, fica claro que os serviços

educacionais e de saúde, juntamente com a atividade comercial, são os elementos principais para constituição das relações em múltiplas escalas. Além disso, é pertinente pontuar que a ampliação destes atributos, ocorrida nas duas primeiras décadas do século XXI, mediante à atuação do Estado, via políticas públicas, e da expansão das relações sociais de produção capitalista, são elementos relevantes para justificar as mudanças hierárquicas e a ampliação dos papéis destes centros urbanos.

O levantamento de dados evidenciado no Quadro 01 refere-se a um contexto específico, refletindo não somente as metamorfoses ocorridas nas duas primeiras décadas do século XXI, mas também o contexto pandêmico vivenciado em escala global. Em suma, a configuração urbano-regional do Nordeste e, especificamente, do estado da Paraíba, apontam a existência de uma rede urbana que se reconfigurou mediante a multiplicação das hierarquias e das relações interescares, alicerçadas na inserção de novos elementos que passaram a comandar, de modo complexo, os relacionamentos entre os centros urbanos na rede urbana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do recorte apresentado neste artigo, é evidente que a configuração da rede urbana paraibana se assemelha à rede urbana nordestina, uma vez que as relações em rede, nas duas escalas, são propiciadas pelos papéis dos Centros Sub-Regionais e dos Centros de Zona. A análise ora apresentada converge parcialmente com os resultados explicitados nos documentos da REGIC, haja vista que as REGIC's apresentam análises de cunho generalista que não explicam as especificidades dos centros urbanos, sobretudo, das hierarquias analisadas neste estudo.

Desse modo, a efetiva contribuição da pesquisa em tela reside na explicação da dinâmica destes centros e nos seus papéis urbano-regionais, uma vez que os estudos realizados na Geografia paraibana, assim como a REGIC, ainda não haviam dado conta de tal dimensão analítica. Embora trace um panorama geral, é notória a necessidade de pesquisas que contemplem a rede urbana a partir de vetores ainda não estudados, tais como: os arranjos produtivos locais, o setor secundário, etc., bem como de análises que deem conta de compreender a dinâmica dos Centros de Zona, hierarquias importantes, mas ainda pouco pesquisadas.

A partir da construção desta reflexão depreendeu-se que os Centros Sub-Regionais e os Centros de Zona, antes considerados pouco relevantes para articulação urbano-

regional do estado da Paraíba, passaram a desempenhar, mediante as transformações analisadas, importantes papéis na rede urbana e que o padrão hierárquico sofreu alterações mediante das reconfigurações observadas na estrutura urbana destas cidades.

REFERÊNCIAS

CATELAN, M. J. **Heterarquia Urbana: interações espaciais e interescares e cidades médias.** Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciência e Tecnologia, UNESP, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente-SP, 2012, 227p.

CORRÊA, R. L. Concentração bancárias e os centros de gestão do território. *In: Revista Brasileira de Geografia*, 51 (2), p. 17-32, 1989.

CLEMENTINO, M. do L. M. **Complexidade de uma urbanização periférica.** Tese (Doutorado em Economia). Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 1990. 307p.

DAMIANI, A. L. Cidades médias e pequenas no processo de globalização: apontamentos bibliográficos. Em publicação: **América Latina: cidade, campo e turismo.** San Pablo: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006.

GONÇALVES, R. C.; LAVIERI, M. B. F.; LAVIERI, J.; RABAY, G. **A questão urbana na Paraíba.** João Pessoa: Ed. Universitária, UFPB, 1999.

IPEA. IBGE. UNICAMP. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: configurações atuais e tendências da rede urbana.** Brasília: IPEA, 2001. Disponível em: www.portalipea.gov.br, Acesso em: mar. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias.** 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Região de Influência das Cidades 2007.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?edicao=16168&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 04 jan. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Região de Influência das Cidades 2018.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?edicao=28033&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 04 jan. 2023.

LINS, C. J. C. **Crescimento dos centros urbanos do Nordeste do Brasil no período de 1960-70.** FUNDAJ. Editora Massangana, Recife, 1990.

OLIVEIRA, T. A. de; GOMES, R. de C. da C.

RECONFIGURAÇÕES NA REDE URBANA PARAIBANA: OS PAPÉIS URBANO-REGIONAIS DESEMPENHADOS PELOS CENTROS SUB-REGIONAIS E CENTROS DE ZONA



MAIA, D. S. **Estrutura e dinâmica urbana da cidade média: a cidade de Campina Grande na Paraíba.** João Pessoa: UFPB/PPGG, 2007. (impresso)

SANTOS, M. **A urbanização brasileira.** 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidade Média. In: SPÓSITO, E. S. Glossário de Geografia Humana e Econômica. São Paulo: Editora UNESP, 2017.
